

GÊNEROS ORAIS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Jakeline Claudia de Andrade (1); Mônica Maria Gadêlha de Souza Gaspar (2)

Universidade de Pernambuco – UPE, jakelineclaudia@hotmail.com (1); Universidade de Pernambuco – UPE, monicagaspar@gmail.com (2)

Resumo: A relevância de colocar em foco práticas de linguagem que evidenciam a reflexão acerca do uso da língua por meio de gêneros textuais orais em sala de aula, pode ser percebida desde documentos oficiais como os PCNs de Língua Portuguesa (1997), até a reflexão de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação que buscou identificar e analisar os gêneros orais que estavam sendo priorizados em sala de aula do Ensino Fundamental. Assim, pesquisa foi realizada em uma turma de 1º ano do Ensino fundamental, de uma escola pública da Mata Norte Pernambucana. Tomamos como referência teórica os estudos sobre os gêneros textuais, especificamente, os orais. Para a construção dos dados utilizou-se a observação não participante e o diário de campo com registro dessa observação; estes foram analisados à luz da análise de conteúdo. Os resultados revelaram que os gêneros textuais orais estão presentes nas situações cotidianas de comunicação em sala de aula, mas não foram tomados como objeto de estudo da turma. Consideramos que os gêneros orais não foram contemplados como um conteúdo didático, estiveram presentes apenas em situações informais e, não foram tomados como objeto de estudo e reflexão da língua falada.

Palavras-chave: Oralidade, gêneros orais, prática docente.

INTRODUÇÃO

É fato que não cabe a escola a função de ensinar o aluno a falar, o domínio da fala é adquirido situações de interação ocorridas desde os primeiros dias de vida. No entanto, é indispensável que os educadores compreendam que é também na escola onde o aluno irá adquirir a habilidade de expressar-se oralmente com confiança respeitando as mais variadas situações comunicativas. “É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente”. (BRASIL, 1997, p. 38) São situações didáticas guiadas que poderão favorecer ao desenvolvimento da consciência de adequação da linguagem nos meios sociais.

O texto apresenta reflexões acerca das atividades com gêneros orais no âmbito da sala de aula, pois entendemos que é na escola em situações comunicativas que os gêneros são tratados como conteúdo didático, sendo possível estabelecer uma relação mais íntima com as situações cotidianas reais. Com isso, prepara-se os alunos para atuarem de forma cada vez mais competente em instâncias sociais para que eles possam falar, ouvir e, principalmente, refletir para obter o domínio de adequação sobre a língua falada.

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi investigar quais gêneros orais eram priorizados na sala de aula e, ainda, identificar em que atividades/situações didáticas esses gêneros estavam sendo trabalhados.

Assim, inicialmente, traremos algumas considerações acerca do trabalho com a oralidade e, em consequência, com os gêneros orais na escola, explorando as vantagens da exploração dos gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem; em seguida, descreveremos o percurso teórico-metodológico da pesquisa; logo após, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise dos dados construídos; e por fim, teceremos nossas considerações acerca dos gêneros orais em sala de aula.

1. GÊNEROS ORAIS NA ESCOLA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A construção de significados com a oralidade ocorre por meio de atividades com gêneros orais. Podemos assim afirmar que não é possível separar o ensino da oralidade, dos gêneros orais, já que os gêneros têm se mostrado instrumentos indispensáveis ao ensino e compreensão da língua.

Cavalcante e Melo destacam que (2007, p. 90) é “Na escola, muitos são os gêneros orais formais que circulam e sequer percebemos que fazem parte de nossa prática cotidiana, tais como: o seminário, o júri simulado, a exposição oral, a entrevista e a própria aula”. Mesmo esses gêneros estando presentes em nossas escolas como bem sabemos, eles não nos foram apresentados como uma estratégia de comunicação linguística. Em geral, eles têm sido utilizados sem muita responsabilidade, seu uso não tem atendido ao que objetiva o gênero estando fora de contexto, sem que o próprio professor saiba o porquê de utilizá-lo ou sem o reconhece-lo como um gênero textual e, ainda, toma-lo para fins avaliativos.

Com isso, ressaltamos, mais uma vez Cavalcante e Melo (2007, p. 90), quando destacam que “A vantagem em explorá-los como objeto de ensino-aprendizagem de língua materna está justamente no fato de muitos deles constituírem práticas sociais reais da escola”. Por já fazerem parte do cotidiano escolar e de situações reais, inseridas no cotidiano, os gêneros orais estão sempre acessíveis para um trabalho mais consistente, através de produções que irão guiar o aluno visando sua apropriação de forma mais natural, pois “Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade”. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 45).

Infelizmente, na prática, esses gêneros ficam escondidos em brincadeiras, perdidos na rotina escolar, menos valorizados pela não compreensão de seu significado na construção da autonomia de expressão contextualizada em situações de comunicação social.

É importante esclarecer que não pode haver um ensino do oral apenas pelo falar, o falar por si só sem orientação e mediação quando necessário não reflete um o trabalho com a oralidade como deve ser, o ensino da oralidade deve ocorrer pelos gêneros orais, conforme afirma Costa-Maciel (2013, p. 64) “[...] o ensino do oral deve ser mobilizado através dos gêneros orais específicos, e o olhar didático deve também se voltar para os elementos linguísticos característicos de cada gênero (estruturas sintáticas, seleção lexical, estratégias interativas etc.)”.

Dessa forma, pode-se colocar que não existem meios para o trabalho produtivo com a oralidade que não esteja cerceado pelo uso dos gêneros orais. Assim, cabe a escola na pessoa de seus educadores, proporcionar a seus alunos reflexões acerca da oralidade por meio dos gêneros orais tanto formais, quanto públicos, ou públicos tradicionais da vida pública pois, muitos deles já estão presentes no cotidiano tanto dos alunos quanto da escola na fala do professor e, mesmo os que ainda não sejam tão comuns ao dia a dia dos alunos, poderão vir a ser utilizados por eles em algum momento de sua vida já que os gêneros refletem situações comunicativas reais.

METODOLOGIA

Segundo (MINAYO, 2001, p. 21), a metodologia qualitativa de pesquisa, responde a questões muito particulares, assim, para realização desta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa tomando como aporte o conceito de abordagem qualitativa de Guerra (2014, p. 11).

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

Nessa compreensão, o campo empírico tomado para a realização desta pesquisa foi uma escola pública municipal, localizada na cidade de Vicência, Mata Norte de Pernambuco. Seus participantes foram 23 (vinte e três) os alunos de uma turma de 1º ano do Ensino fundamental e sua professora.

Para que fosse possível a construção dos dados da pesquisa, foram utilizados dois instrumentos, observação não participante e o diário de campo.

Na observação não participante, de acordo com Guerra (2014, p.31), “[...] o pesquisador assume uma postura de simples espectador dos eventos observados ou do cotidiano de um grupo”. Com base nessa afirmação, foi mantida uma posição de espectadora frente ao participantes e situações tomadas como objeto de estudo, assim, não me tornei sujeito da pesquisa, e nessa posição, fiz minhas observações e registros frente aos eventos decorridos no cotidiano da turma, evento estes que foram devidamente registrados em um diário de campo. Sobre diário de campo, Gerhardt, Ramos, Riquinho e Santos (2009, p. 76) apontam que este “[...] é um instrumento muito complexo, que permite o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado. Trata-se do detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados”. Nesta pesquisa, o diário de campo tornou-se essencial não apenas no processo de reflexão e análise do que foi observado em *lócus* mas, favoreceu uma descrição precisa e detalhada dos sujeitos investigados em seu espaço físico.

Após o momento de observação da aula e registro no diário de campo, foi necessário retomar os dados coletados afim de organizá-los tomando como referência a análise de conteúdo.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo. De acordo com Gomes (2001, p. 74),

[...] através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à *descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado. (Grifo do autor)

A leitura e releitura das observações e registros permitiu-nos organizar os dados de acordo como as atividades foram realizadas na sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atingir o objetivo de identificar os gêneros orais priorizados pela professora no desenrolar da aula e, ainda, os gêneros orais que surgiram mesmo de forma involuntária e inconsciente, trazemos a observação de uma aula com duração de quatro horas realizada no dia 13 de novembro de 2017.

O quadro abaixo apresenta alguns dados coletados durante a aula, as disciplinas contempladas, eixos temáticos com seus respectivos conteúdos e as expectativas de aprendizagem da aula de acordo com o conteúdo ministrado.

Quadro 1: Dados da aula de 13/11/2017.

Disciplina 1	Língua Portuguesa
Eixo	Análise Linguística
Conteúdo	Consoante X e seus sons
Expectativa de aprendizagem	- Ler e escrever palavras com a consoante X com autonomia; - Reconhecer os sons do X nas palavras apresentadas.
Disciplina 2	Matemática
Eixo	Números naturais
Conteúdo	Adição e subtração
Expectativa de aprendizagem	Somar e subtrair com autonomia, através de situações problema.

Fonte: ANDRADE, 2017.

Os dados demonstram que o eixo oralidade não foi contemplado no que foi programado na aula observada, Manzoni (2016, p. 28) afirma que “[...] à língua oral não se dedica o mesmo tempo e profundidade de estudos dedicados àqueles outros conteúdos [...]”. Apesar dessa constatação, faz-se necessário esclarecer que mesmo o eixo oralidade não estando presente no programado para a aula em questão, não quer dizer que os gêneros orais não estiveram presentes na aula. Situações de uso da língua oral estão presentes diariamente no ambiente escolar e em inúmeras outras situações cotidianas. No entanto, isso não significa que o uso da língua oral não deva ser posto como conteúdo da aula e tomado como objeto de estudo e reflexão da língua.

O ensino da oralidade deve ocorrer com a mesma relevância que os demais conteúdos didáticos, nenhum conteúdo tem maior ou menor relevância.

Assim, destaco no próximo quadro, os gêneros orais que foram identificados durante a aula, seus aspectos tipológicos e em que momento da aula eles surgiram.

Quadro 2: Gêneros orais identificados em sala de aula.

GÊNEROS IDENTIFICADOS	ASPECTOS TIPOLOGICOS	MOMENTO DA AULA
Exposição oral	Expor	1º horário
Parlenda	Narrar	Recreio
Relato de experiência vivida	Relatar	2º horário

Fonte: ANDRADE, 2017.

Como já mencionado anteriormente, apesar da aula não trazer gêneros orais como conteúdo didático, como instrumento de aprendizagem, foi possível identificar os gêneros exposição oral, parlenda e relato de experiência vivida conforme foi apresentado no quadro acima.

O primeiro deles, o gênero Exposição oral, apareceu logo após a leitura de um texto bem no início da aula. A exposição foi solicitada a turma não de forma direcionada a um ou outro aluno, mas, coletivamente, e assim, a participação da turma foi aberta.

Já o segundo, o gênero parlenda, pôde ser observado durante o recreio, as parlandas possuem um caráter de brincadeira de tradição oral e foi exatamente em um momento de total descontração que o gênero apareceu, em um momento em que alguns alunos na sala estavam conversando e uma das meninas presentes, começou a falar a parlenda “Um, dois, feijão com arroz...”, fazendo uma referência a merenda escolar servida no dia.

O último gênero oral identificado, relato de experiência vivida, apareceu já bem no fim da aula, também por causa de uma solicitação da professora para atender ao item “Revisão do dia”, que segundo a mesma, está presente em seu planejamento diário, assim, a turma, coletivamente realizou um relato oral de tudo que foi estudado e ficou na memória com um certo grau de relevância.

Visto isso, tomo como apoio as palavras de Dolz e Schneuwly (2004, p. 64-65), quando afirmam que “Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado um *megainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes”. (Grifo dos autores) Dessa forma, pôde-se observar que os gêneros citados foram sim usados como suporte para as atividades realizadas na aula e, até apareceram em situações de comunicação não direcionadas pela professora. No entanto, não refletir sobre eles, apenas utilizá-los não dará a turma a referência necessária para sua atuação competente nas diversas situações comunicativas.

CONCLUSÕES

É inegável que um ensino da língua voltado para a utilização de gêneros textuais variados como instrumento no processo de ensino-aprendizagem, deve ser mais frequente na prática docente com vista a favorecer o uso consciente e competente da língua falada.

No entanto, faz-se necessário destacar que mesmo os gêneros estando cada vez mais presentes na rotina das aulas, os gêneros da modalidade oral ainda não têm o tratamento que é oferecido a gêneros da modalidade escrita. Cavalcante e Melo (2007, p. 92) destacam que “Resta ao ensino do oral a equivocada exploração de atividades mais caracterizadas como *oralização* da escrita, como as antigas atividades de leitura e recitação”. (Grifo das autoras)

Os dados desta pesquisa revelaram que, claramente, os gêneros orais estão presentes no cotidiano da turma observada, no entanto, especificamente na aula observada, os gêneros orais não eram o objetivo de estudo da aula, eles estiveram presentes de forma inconsciente e até em situações mais descontraídas onde não possuíam um propósito definido, foram usados apenas como apoio para cumprir atividades de rotina na sala.

No entanto, faz-se necessário uma ressalva, reafirmando que é necessário que o professor oriente seus alunos quanto uso dos gêneros contextos sociais, trazendo atividades que deem sentido e significado a esse uso dos gêneros de acordo com suas características textuais, conforme colocam Cavalcante e Melo (2007).

As palavras de Dolz e Schneuwly (2004, p. 125) ao afirmarem que “[...] o ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado”, refletem com clareza a realidade encontrada durante a pesquisa já que ensino dos gêneros orais ainda não ocorre de igual para igual ao ensino gêneros escritos, ou mesmo recebem a atenção necessária para que os alunos construam os significados necessários a seu uso.

REFERÊNCIAS

COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes. *Oralidade e Ensino: Saberes necessários à prática docente*. EDUPE, Editora Universidade de Pernambuco. Recife, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. *Manual de pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Vozes. Petrópolis, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental.
Parâmetros curriculares nacionais - Língua Portuguesa. Brasília, 1997.

RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti; LUNA, Ewerton Ávila dos Anjos; COSTA-MACIEL, Débora Amorim Gomes (Orgs.). *Oralidade e leitura: olhares plurais sobre linguagem e ensino*. Editora UFPE. Recife, 2016.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Mariane C.B. (Orgs.). *Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula*. 1. ed., 1. reimp. Autêntica. Belo Horizonte, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Mercado de letras. Campinas, 2004.